

DOSSIÊ PEDAGÓGICO

Um Sonho
de August
Strindberg
encenação
Bruno Bravo

TEATRO SÃO JOÃO
7—22 DEZ

qua+qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO



índice

- 5** Bem-vindos ao São João!
- 9** Uma conversa com o encenador Bruno Bravo
- 11** Nota biográfica | August Strindberg
- 13** Um sonho, uma peça
- 15** Caracterização das personagens
- 17** Excertos da peça
- 19** Recursos pedagógicos
- 27** Recursos adicionais



Bem-vindos ao São João!

O Teatro Nacional São João apresenta à comunidade escolar *Um Sonho*, uma das obras mais revolucionárias de August Strindberg. Desde a sua estreia no Svenska Teatern, na Finlândia, em 1907, a peça tem sido interpretada por inúmeros dramaturgos e encenadores um pouco por todo o mundo.

Convidamos professores e alunos a assistirem a *Um Sonho*, com encenação de Bruno Bravo, acompanhados por um dossiê criado para incentivar a descoberta e análise da obra e do autor, onde apresentamos um breve resumo sobre a obra, o autor, o ponto de vista do encenador sobre o espetáculo e, ainda, propostas para a exploração dos temas presentes em *Um Sonho*, desde o momento da criação do texto às diversas interpretações realizadas ao longo de mais de 100 anos.

Propomos a exploração dos temas e ideias de *Um Sonho*, através do desenvolvimento de atividades, pesquisa e discussão, tanto no teatro como em sala de aula, promovendo dinamismo à aprendizagem e duplicando os espaços onde se desenvolve.

Através do recurso a pedagogias criativas, sugerimos uma correlação entre a obra e as aprendizagens essenciais de vários níveis escolares e, eventualmente, uma articulação curricular com diferentes disciplinas/áreas disciplinares, contribuindo para a promoção de conhecimentos, capacidades e atitudes dos alunos.

TEATRO SÃO JOÃO
7—22 DEZ

qua+qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00



Um Sonho de August Strindberg

encenação

Bruno Bravo

tradução e dramaturgia
João Paulo Esteves da Silva

cenografia e figurinos
Stéphane Alberto

desenho de luz
Alexandre Costa

música e sonoplastia
Sérgio Delgado

interpretação
**Ana Brandão, António Mortágua,
Joana Carvalho, Jorge Mota,
Lisa Reis, Patrícia Queirós,
Paulo Freixinho, Pedro Frias**

produção
Teatro Nacional São João

dur. aprox. 2:00
M/12 anos

Público-alvo
**alunos do ensino
secundário e superior**

Espectáculo legendado
em inglês

Língua Gestual
Portuguesa +
Conversa +
com a Mónica
10 DEZ

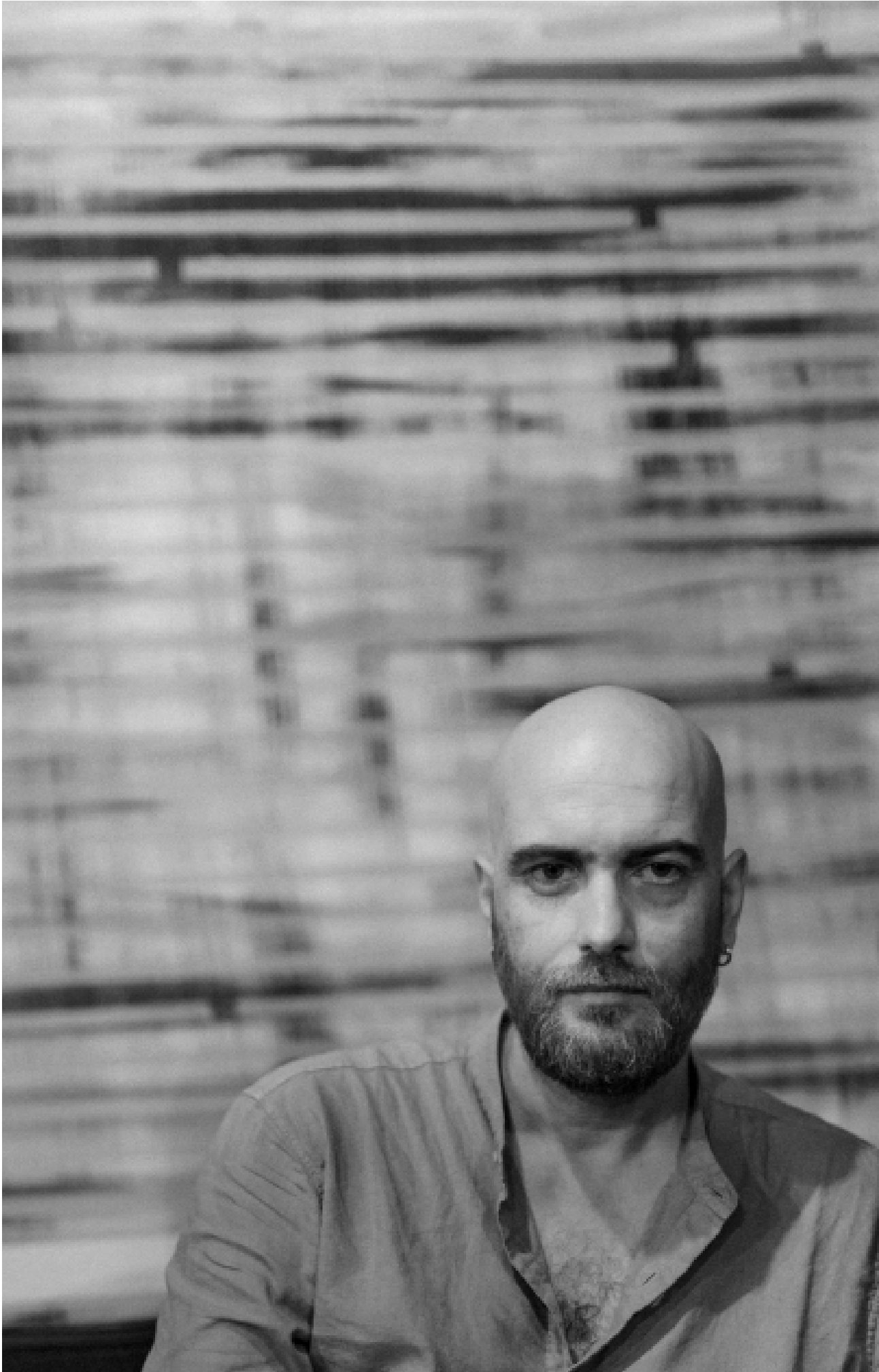
Audiodescrição
17 DEZ

Preços Escolas
4,00 € / aluno

Preço do bilhete
para espetáculos
**IVA incluído
à taxa de 6%**

Preço das atividades
de cariz educacional
e formativo
Isento de IVA

Atividades com um número limitado de participantes. Inscrição prévia junto do Centro Educativo através do telefone 22 339 50 66 ou do endereço eletrónico centroeducativo@tnsj.pt. Candidaturas e fichas de inscrição disponíveis em www.tnsj.pt/centro-educativo.



“A distorção de tempo e espaço é a alma do teatro”

Uma conversa com o encenador

BRUNO BRAVO

Um Sonho, O Sonho, ou simplesmente Sonho?

Um Sonho. É, aliás, a tradução que respeita o título original, com o artigo indefinido, parece-me mais justa. Um sonho no meio de tantos outros sonhos colabora com a ideia de espiral, é um título menos definitivo e afirmativo, mais consonante com o espírito febril de Strindberg. Sonho, sem o artigo, foi a primeira opção, mas pareceu-me muito abandonado, muito no ar.

Inês, filha de um deus, desce à Terra, entra no quotidiano dos seres humanos, ama, sofre, vive na pobreza e na sujidade. Esta peregrinação parece conter toda a história da humanidade. Mas esta ambição maior do que a vida corre a par de um elogio às pequenas coisas. Strindberg, ouvimos dizer, teve aqui “a força poética de descobrir o divino no quotidiano”. O que mais te fascina neste drama-itinerário?

A escrita de Strindberg é furiosamente bela, selvagem. Muito distinta da arquitetura de Ibsen, seu contemporâneo e perfeito inimigo. Strindberg escreve muito bem, com pontas soltas, espaços por preencher, como se o ato de escrever fosse um fim em si mesmo. Ao mesmo tempo, com a mesma voragem, pensa o teatro enquanto fenómeno. Nesse contexto, *Um Sonho* parece-me ser o expoente máximo da sua obra. A ambição de dar corpo dramático a um sonho é, também, o teatro enquanto sonho. É maravilhoso que, nessa ideia de conter toda a humanidade, a força poética se concentre no quotidiano, nas pequenas coisas, que são também, como se sabe, a “iluminada miséria humana”. Atrás de Inês esconde-se Strindberg e um particular pessimismo. Um pessimismo, digamos assim, ausente de metafísica. A vida é o que é, ponto. Filosofia aparentemente simples e banal, mas que pode compreender a “tragédia” da existência como o seu verdadeiro sentido vital.

Para ti, a tradução é o primeiro gesto da encenação, prática que também é a nossa. Podes dar-nos conta do trabalho que tens vindo a desenvolver com o tradutor (e músico!) João Paulo Esteves da Silva?

Estabeleço uma relação muito direta entre teatro e literatura. É para mim importante que as personagens em cena sejam, também, imaginadas e construídas pelo público. Essa relação advém do meu gosto pelos clássicos, que são livros abertos. O desafio de iluminar um clássico em cena pressupõe um ponto de vista, mais ou menos consciente, mas acho essencial que liberte espaços por preencher. As palavras são, nesse jogo, essenciais. Colaboro com o João Paulo há mais de dez anos. Percebi, com ele, que o processo de tradução é a primeira luz que se abre para a imaginação de um espetáculo. Para além de ser compositor e pianista, ele escreve poesia, tem um ouvido muito sensível e apurado para o som e para o ritmo das palavras.

“O teatro está mais próximo da música do que do cinema. O teatro é para ser ouvido”, estamos a citar-te. Em *Um Sonho*, deparamo-nos com personagens que abandonam a cena para reentrar logo a seguir num outro tempo e lugar. Imagino que seja matéria desafiadora para quem, como tu, constrói espetáculos hieráticos, despojados e muito confiantes na potência da palavra para criar imagens e movimento...

Não consigo pensar em teatro sem imagem. A cenografia, as luzes, são fundamentais. Acredito numa proposta de jogo que distancia e aproxima, na mesma medida, a relação do espectador com a cena. Acho muito importante o conceito de ilusão, bem como a ideia de um espaço habitado por todos, público e personagens. Este equilíbrio mágico assenta, quase em exclusivo, no trabalho dos atores e isso atrai uma ideia de despojamento, de solidão. Sou sensível à ideia de um

espetáculo de teatro ser um quadro onde habita uma orquestra. É para ser, essencialmente, ouvido, num determinado contexto visual. Os saltos temporais e espaciais de *Um Sonho* constituem um enorme desafio, mas apeteçível. Existe, claro, uma atmosfera abstrata nessa composição, onde tudo parece ser possível. Mas a distorção de tempo e espaço é, como sabemos, a alma do teatro.

Com que ideias vais partir para as primeiras semanas de ensaios?

É impossível não ir imaginando uma ideia de espetáculo. A cabeça vai criando formas à medida que o trabalho de tradução e de dramaturgia avança. No entanto, sei que os ensaios irão devolver realidades muito próprias. É a trabalhar com os atores que a peça se revela. Há, desde logo, uma evidência: o número de personagens excede o número de atores. O primeiro passo será propor uma distribuição de papéis com um sentido dramático, que pode, ou não, ser adivinhado de fora. O resto é, ainda, mistério.

Temos vindo a confiar algumas das nossas produções a criadores cénicos exteriores ao TNSJ, para que “aprendam” a casa e a sobressaltem. Tivemos João Pedro Vaz e Gábor Tompa. Em 2024, vamos ter Patrícia Portela e Séverine Chavrier. Surpreendeu-te este convite?

Foi inesperado, sim. O meu trabalho como encenador tem-se desenvolvido, lado a lado, com os Primeiros Sintomas. Nos últimos vinte anos, terei encenado, fora da companhia, não mais do que quatro ou cinco espetáculos. O convite para encenar *Um Sonho* apanhou-me de surpresa, mas aceitei de imediato. É irrecusável um texto destes, neste teatro. É uma oportunidade única de trabalhar com o elenco residente. E o convite foi-me endereçado pelo Nuno Cardoso, por quem tenho uma enorme consideração e empatia.

Conversa conduzida e editada por João Luís Pereira



PROPOSTA DE ATIVIDADE

- * Muitos escritores dedicam-se a outras profissões como Charles Dickens (jornalista), Vladimir Nabokov (entomologista), George Orwell (polícia), Anton Tchekhov (médico), entre tantos outros.
- * Refletir sobre o facto de um escritor ter outras profissões e/ou interesses poder contribuir para a criação da sua obra.
- * Pesquisar outras obras do autor.

August Strindberg¹

Johan August Strindberg nasceu no dia 22 de janeiro de 1849, em Estocolmo, na Suécia. Filho de um pequeno comerciante e uma empregada, foi o terceiro entre sete filhos. Considerado sensível e inteligente, frequentou o curso de Medicina, na Universidade de Uppsala, que não concluiu. Ao longo da vida teve várias profissões nomeadamente como ator, jornalista, bibliotecário, pintor e fotógrafo. Foi casado três vezes e os desfechos infelizes dos seus relacionamentos despoletaram alguns dos períodos emocionais mais difíceis da vida de Strindberg, tendo inspirado inúmeras dramaturgias.

Em 1877, casou e iniciou um período de viagens por diversos países da Europa (França, Suíça, Dinamarca e Alemanha) e, até ao final da relação, em 1891, teve três filhos. Dois anos mais tarde, voltou a casar e teve uma filha. A união durou pouco tempo, à semelhança do terceiro casamento, em 1901, do qual resultou outra filha.

Dramaturgo, romancista, poeta e ensaísta, August Strindberg é considerado o fundador do teatro moderno, sendo um autor prolífico. Escreveu quase uma centena de obras que atravessam o Impressionismo, Naturalismo, Expressionismo e Surrealismo, constituindo uma enorme influência no teatro moderno universal.

A dramaturgia de Strindberg sugere um enquadramento autobiográfico, dado que as suas obras revelam indícios e referências da vida privada, problemáticas de cariz pessoal marcadas por casamentos falhados, pela solidão e desalento espiritual que viriam, numa fase final da sua dramaturgia, despoletar o interesse e fascínio por símbolos, sonhos e fantasias. As críticas sociais, os conflitos, as dificuldades nos relacionamentos e as tristezas ilustram as obras de Strindberg, sugerindo uma interação ambígua entre a vida e a ficção, em que a pessoa e as suas personas se espelham nas criações literárias. Não obstante, a obra de Strindberg é, também, uma biografia do seu tempo, inspirada na sociedade da época.

O dramaturgo August Strindberg viria a falecer no dia 14 de maio de 1912, em Estocolmo. Em sua homenagem foi criado, em 1898, o Augustpriset, um prémio literário sueco que visa distinguir, em três categorias, o melhor livro do ano.

¹ Meyer, M. (1993). *Strindberg*. Gallimard NRF Biographies.
Strindberg, A. (2000). *Strindberg: The Plays: Volume Two: The Storm; The Burned Site; The Ghost Sonata; The Pelican* (Vol. 2). Oberon Books.
Szalczar, E. (2011). *August Strindberg*. Routledge.



Um sonho, uma peça²

Escrita durante o ano de 1901 e estreada em 1907, *O Sonho* (*Ett Drömspel/A Dream Play*) é considerada uma das mais revolucionárias obras de August Strindberg e das mais relevantes na escola do expressionismo dramático e do surrealismo teatral.

A obra, a que o autor se refere como “minha peça mais amada, filha da minha mais profunda dor”, foi tida como uma das mais pessoais e começou a ser escrita quando Strindberg contraiu matrimônio com Harriet Bosse, que viria a abandoná-lo pouco depois. Em sofrimento, a vida passou a ser encarada como uma ilusão, em que é impossível realizar sonhos. Considerado bastante à frente do seu tempo, apoiou-se em filosofias orientais, como o Budismo, para justificar a crença de que o mundo era apenas uma ilusão. Na sua obra, Strindberg levanta pequenas dúvidas sobre a existência humana, questiona sobre o quotidiano, o amor, o sofrimento, o conformismo, nomeadamente o conhecimento científico.

O Sonho é um dos primeiros dramas a conter o universo onírico como realidade. Embora algumas peças tradicionais incorporassem, pontualmente, cenas que ilustravam sonhos ou pesadelos, não se basearam totalmente nestes elementos. Strindberg abandonou a percepção convencional de tempo e espaço, adotando um fundo insignificante de realidade, em que estes não existem. Neste cenário, a imaginação desfia e desenha uma mescla de memórias, experiências, devaneios, absurdos e improvisações onde tudo pode acontecer, onde tudo é possível e provável e se entrecrocam o patético e o cómico, o realismo e o onirismo, o lírico e o irónico.

Em *O Sonho*, o dramaturgo sueco enfrenta e resolve o paradoxo de representar a forma incoerente, mas aparentemente lógica do sonho. Por vezes, o sonho é mais doloroso do que alegre, proporcionando mais sofrimento do que felicidade e, quando o tormento atinge o seu auge, o sofredor acorda e reconcilia-se com a realidade que, embora dolorosa, torna-se prazerosa quando comparada com as torturas do sonho.

Em *O Sonho*, as personagens tomam corpo, dissolvem-se, reconstituem-se, abandonam a cena para reentrar, em seguida, num outro tempo e lugar, com a consciência do sonhador para a qual não há segredos, nem incongruências, nem escrúpulos, nem lei. Não existem julgamentos, absolvições, justificações de condenações, apenas relatos.

Strindberg vê a vida através de Agnes, a personagem principal, que encontra cerca de 40 outras personagens, embora o foco se concentre num número mais reduzido, sendo que cada uma delas encarna um símbolo e/ou uma condição da humanidade, explorando temas como a infelicidade humana, a falta de sentido da vida, valores, materialismo, luta de classes, o paradoxo da existência humana, entre outros.

Após experimentar a vida e todo o tipo de sofrimento humano, Agnes percebe que os humanos são dignos de pena e compaixão. No início, tem esperança de que o amor e a humanidade tudo sejam capazes de superar e ultrapassar, mas as suas expectativas vão desvanecendo. Explorando o que aprendeu, Agnes conclui que a humanidade deve ser encarada com compaixão, que pode ter crenças espirituais, mas que serão sempre refreadas pela própria natureza humana. Ao ascender aos céus, a filha dos deuses deixa para trás a sua existência humana, num momento que corresponde ao acordar de uma sequência de eventos semelhantes a sonhos.

2 Szalczzer, E. (2011). *August Strindberg*. Routledge.
Campos, T. A. M. F. (2005). *A recepção do teatro de August Strindberg em Portugal* (Master's thesis, Universidade de Évora).
Marker, F. J., & Marker, L. L. (2002). *Strindberg and modernist theatre: post-inferno drama on the stage*. Cambridge University Press.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- * Os alunos podem escolher uma personagem e, a partir da mesma, dar a sua perspetiva sobre os acontecimentos.
- * Classificar as personagens quanto ao papel que desempenham, o seu dinamismo no decorrer do espetáculo e as suas características básicas.
- * Qual a relação da personagem principal com as outras personagens?

Caracterização das personagens

Agnes encontra dezenas de personagens, mas o destaque foca-se nela própria e num círculo reduzido.



Agnes

É a personagem principal da peça. A filha do deus Indra assume uma forma humana e desce à terra para perceber as raízes do descontentamento da humanidade com a existência, através da interação com os humanos.



Oficial

De jovem e enérgico passa a ser um homem envelhecido, cansado e sozinho. Idealista, viveu a vida a ansiar ser amado pela cantora de ópera Victória, a mulher dos seus sonhos. Lamenta-se da própria vida, mas acredita que o amor resolverá todos os problemas.



Advogado

Um homem abatido e cansado, que atinge o auge do descontentamento ao ser-lhe recusada a realização do doutoramento por uma instituição académica elitista. Encara os seres humanos como criaturas imperfeitas, assumindo a natureza cruel da humanidade.



Poeta

Visionário excêntrico, adota um comportamento bizarro, banha-se na lama para se proteger das moscas que o rodeiam e baixar o pensamento elevado e poético, mergulhando no essencial da vida. Mantém um nível de idealismo e acredita que a redenção da humanidade acontece através do sofrimento e da morte.

Outras personagens

Indra

O Vidraceiro

A Mãe

O Pai

Lina

A Porteira

O Cartazeiro

A Cantora

A Voz de Uma Mulher

Gente do Teatro

Uma Bailarina

O Coralista

O Ponto

Coralistas e Figurantes

O Polícia

Arautos

Candidatos

Vozes de Crianças

Vozes de Mulheres

Vozes Masculinas

Kristin

O Fiscal da Quarentena

O Libertino a Coquette e o Amigo

Ele e Ela

Três Raparigas

Duas Crianças

Edite

Um Oficial da Marinha

Alice

O Mestre-Escola

Alunos

Um Rapaz

O Marido

A Mulher

O Cego

Gritos de Dor

O Primeiro Carvoeiro

O Segundo Carvoeiro

O Senhor

A Senhora

Os Tripulantes

O Reitor da Universidade

O Director da Faculdade de Teologia

O Director da Faculdade de Filosofia

O Director da Faculdade de Medicina

O Director da Faculdade de Direito

Os Bem-Pensantes

Victória

Don Juan

Excertos da peça

A FILHA: A humanidade faz pena!

O ADVOGADO: Sim! E de que é que vivem as pessoas?

Para mim, é um mistério! Casam com um rendimento de duas mil coroas, quando precisariam de quatro mil...endividam-se, está claro, todos se endividam! E andam com a corda na garganta até que morrem endividados...e sabes quem é que paga, depois?

A FILHA: Aquele que dá de comer aos pássaros.

O ADVOGADO: Sim! Mas se aquele que dá de comer aos pássaros descesse à terra e visse como andam os pobres mortais, talvez se enchesse de compaixão...

A FILHA: A humanidade faz pena!

O POETA: Sei o que é o sonho. O que é a poesia?

A FILHA: Não a realidade, mas mais que realidade... não sonho, mas um sonhar acordado...

O POETA: E os filhos do homem pensam que nós poetas apenas brincamos...inventamos e inventamos!

A FILHA: E ainda bem, meu amigo. Caso contrário, o mundo seria devastado por falta de estímulo. Ficavam todos de papo para o ar, a olhar o céu; ninguém pegava no arado, na pá, na plaina ou na enxada.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- * Explorar os conceitos:
Compaixão
Livre-arbítrio
- * Caracterizar o conceito de juízo moral enquanto juízo de valor.

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- * Debater o Argumento do Sonho de Descartes.



RECURSOS PEDAGÓGICOS

Os recursos pedagógicos apresentados são apenas sugestões, pontos de partida a partir dos quais podem ser desenvolvidos outros exercícios, multiplicando saberes e recursos.

Propomos a partilha do tempo de palavra com os alunos, através de um discurso estruturado em atividades e enraizado na reflexão dos participantes, proveniente do debate no grupo, dinamizando a aprendizagem e o crescimento.

As atividades apresentadas surgem como propostas que visam estimular o interesse de alunos e professores pela dramaturgia apresentada em palco, enquanto mote para o conhecimento e a compreensão, o estímulo do sentido crítico e a promoção da criatividade.

Os recursos pedagógicos assumem-se como exemplos de estratégias (inesgotáveis) a serem exploradas com a turma, e interdisciplinarmente, tendo como ponto de partida a presente obra.

Antes do espetáculo

UM SONHO

Bruno Bravo, o encenador, optou pela tradução que respeita o título original da obra, com o artigo indefinido *Um Sonho* e não com o artigo definido, *O Sonho* (como frequentemente se constata).

- * Organizar os alunos em pares ou em pequenos grupos.
- * Pedir aos participantes para conversarem/questionarem/argumentarem sobre a questão.
- * *Um Sonho* ou *O Sonho*?
- * Quais as implicações da utilização do artigo indefinido ou do definido artigo na palavra *Sonho*?
- * Cada participante deve ter a palavra e ouvir o outro, reforçando que todos os conhecimentos e pontos de vista são tidos em conta.

AS MINHAS EXPECTATIVAS

Dividir a turma em pequenos grupos e lançar questões.

- * Que conhecimentos têm sobre a peça e/ou o autor e encenador.
- * Cada aluno deve escrever duas palavras, numa nota adesiva, acerca das expectativas sobre o espetáculo e afixar na sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DAS PALAVRAS

As palavras mantêm diferentes relações de significado, organizam-se com base nas relações que estabelecem entre si. Por exemplo, ao pensarmos na palavra campo ocorrem-nos de imediato palavras relacionadas como relva, verde, futebol, correr, cães, férias, flores, entre outras.

A palavra *Sonho* tem tido inúmeros significados, para além dos que constam no dicionário, representações e alcances. As vertentes são infinitas e espelham-se, ao longo dos séculos, em poemas, letras de músicas, discursos que transformaram o mundo, teorias de filósofos e psicanalistas, entre tantas outras conceções que adotaram a palavra *Sonho*.

DEFINIÇÃO DA PALAVRA SONHO

so.nho 'soɲu

1. atividade mental não dirigida, que se manifesta durante o sono, pelo menos nas suas fases menos profundas, e da qual, ao acordar, se pode conservar certa lembrança
2. conjunto de ideias e de imagens que perpassam o espírito durante o sono
3. aquilo que é produto da imaginação, fantasia, devaneio
4. desejo veemente, aspiração
5. projeto cuja execução parece difícil ou impossível, utopia
6. ilusão
7. coisa muito bela ou agradável; visão
8. CULINÁRIA bolo fofo de farinha e ovos, frito em azeite e passado depois por calda de açúcar

Porto Editora. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa

ETIMOLOGIA DA PALAVRA SONHO

A palavra *Sonho* deriva do latim *somnium-ii* (sequência de fenómenos psíquicos que involuntariamente ocorrem durante o sono).

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Cunha, António Galdes da

A PALAVRA SONHO

- * Para mim, sonho é
-
-
-
-

Após o espetáculo

REFLETIR SOBRE UM SONHO

Dividir a turma em pares, ou em pequenos grupos, com o objetivo de refletir sobre a obra, colocar questões e mobilizar conhecimentos de modo a fundamentar as opiniões sobre a obra.

- * Cada aluno deve ter acesso à documentação em papel sobre o espetáculo.
- * Os alunos podem/devem sublinhar ou rodear palavras, frases, excertos que se destacaram.
- * Ter como ponto de partida alguns elementos-chave:

Enredo; encenação; atores; figurinos; cenografia/adereços; som/música; iluminação, entre outros.

Como estes elementos ajudam a contar a história?

- * Escolher momentos da peça e/ou personagens.
- * Expressar reflexões, sentimentos, reações, estabelecer relações, analisar, sistematizar, etc.
- * Juntar a turma, em pequenos grupos, para a partilha da síntese da informação assinalada/recolhida e aprimoramento dos trabalhos.
- * Elaboração da síntese final, das questões e apresentação dos resultados.
- * As palavras-chave podem ser escritas em notas adesivas, a afixar na sala de aula, para comparar com as notas afixadas antes do espetáculo.

SIGNIFICADO DE SONHO

- * Sugerir uma reflexão sobre o sonho.
- * Propor recuperar memórias e partilhar sonhos.
- * Criar representações visuais inspiradas nos sonhos partilhados.
- * Pesquisar o significado de sonho ao longo das diferentes épocas da história.

- * Com base nos resultados da pesquisa criar uma **linha do tempo** que registe a evolução das diferentes teorias e abordagens sobre o sonho ao longo dos tempos.

- * Escrever sobre o tema.

O ESTUDO DO SONHO

Explorar as referências académicas sobre o sonho.

- * O Argumento do Sonho em Descartes.
- * Outras.

ACRÓNIMOS

- * Escolher um tema e escrever as iniciais da palavra na vertical.
- * Na horizontal, completar as iniciais com palavras, obrigatoriamente relacionadas com a temática escolhida.
- * Exemplo sobre o tema Sonho.

Strindberg

Onírico

Noite

Humanidade

Oculto

JOGO DO ENFORCADO & GLOSSÁRIO

- * Dividir a turma em dois grupos.
- * Escolher um tema e uma palavra relacionada (exemplo: sonho e onírico).
- * No esquema, apenas uma letra é apresentada aos participantes.
- * Quando a equipa apresenta uma letra certa é escrita no sítio correspondente, conquistando o direito a dizer outra letra ou tentar adivinhar a palavra.
- * Sempre que uma equipa errar uma letra é desenhado um traço da forca e perde a vez para o adversário.

Após o espetáculo

- * Os alunos podem, também, fazer um glossário, criando uma lista de definições de termos da peça (exemplos, em baixo).
- * As palavras utilizadas no Jogo do Enforcado podem ser oriundas do Glossário.

Brama	Maya
Bruma	Onírico
Califa Harun	Paraíso
Consciência	Parnaso
Çukra	Sofista
Gruta de Fingal	Sonho
Imaginação	Sonhador
Inferno	Varuna

UMA HISTÓRIA, UM CONTEXTO HISTÓRICO

Todas as obras são uma biografia do seu tempo, inspiradas no contexto e experiências do autor.

- * Pesquisar sobre o que se passava no mundo em 1900, remontando à década anterior e seguinte.
- * Situar os acontecimentos, cronológica e espacialmente.
- * Representar a pesquisa através de um texto, desenho, maquete ou outros.
- * Produzir uma recriação histórica do que aconteceu antes, durante e/ou depois da época em que a obra foi criada e/ou apresentada ao público.
- * Criar uma **Linha do Tempo** que represente os espetáculos de *O Sonho* ao longo de mais de 100 anos em todo o mundo (desenho, pintada, tridimensional, digital, etc.).



EU TENHO UM SONHO (*I have a Dream*)

“Digo-vos, hoje, meus amigos, que, apesar das dificuldades e frustrações do momento, ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano. Tenho o sonho de que um dia esta nação se levantará e viverá o verdadeiro significado da sua crença. Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são criados iguais.

Eu tenho o sonho de que um dia, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de antigos escravos e os filhos de antigos proprietários de escravos poderão sentar-se lado a lado na mesa da fraternidade. Eu tenho o sonho de que um dia, até mesmo o estado do Mississípi, um estado que transpira com o calor da injustiça e da opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça. Eu tenho o sonho de que os meus quatro pequenos filhos viverão um dia numa nação onde não serão julgados pela cor da sua pele, mas pelo seu caráter. Eu tenho um sonho, hoje”.

Martin Luther King, ativista (1929-1968)

- * Através do debate e pesquisa:
 - Explorar o sonho de Martin Luther King.**
 - Lançar hipóteses sobre como transformar o sonho em realidade.**
 - Questionar se um sonho mudar o mundo.**
- * Milhares de pessoas arriscam e perdem a vida, embarcando em viagens perigosas, para chegarem à Europa. Estabelecer relação entre este drama da atualidade e o sonho de alcançar uma vida melhor.
- * Sugestão de visionamento do filme *“The Swimmers”* (As Nadadoras).
- * Partilhar e refletir sobre o sonho individual de cada um, a escola de sonho (ideal), entre outros sonhos.

“A DESIGUALDADE LIMITA A CAPACIDADE DE SONHAR”³

Declaração proferida a propósito dos jovens em situação de pobreza.

- * Pensar e debater a afirmação.
- * Realizar uma pesquisa sobre situações consideradas impeditivas do sonho.
- * Pesquisar o conceito de equidade.
- * Refletir sobre o significado da frase extraída do poema *Pedra Filosofal* (pág. 25) “o sonho comanda a vida”.
- * Redigir um artigo ou carta sobre um sonho, assinalando a data para a sua concretização, de modo a transformar-se num objetivo.



A ÁRVORE DOS SONHOS

- * O grupo pode definir um sonho (desejos, expectativas) para a escola, por exemplo.
- * A turma é dividida em pequenos grupos e tem de definir, por exemplo, o que faz falta à escola no geral ou, especificamente, nas salas de aula.
- * Finalizados os objetivos partilhar em grande grupo.
- * A árvore pode ser tridimensional, desenhada, pintada, em formato digital, etc.
- * Os objetivos/sonhos podem ser escritos em notas adesivas, em folhas de cartolina de cor ou pintadas, entre outras, e pendurados numa árvore de exterior, por exemplo.

3 Fernando Alexandre, professor catedrático in Conferência “O poder dos jovens na mudança global”. (1-06-2023)

REPRESENTAÇÃO VISUAL DA OBRA

- * Expressar, por imagens, o universo onírico e as sensações dominantes ao longo do espetáculo e/ou relacionadas com a temática.
- * Fazer uma ilustração resultante da pesquisa de imagens, recolha de fotografias, produções de vídeo, entre outras.
- * Exposição do produto final, observação dos trabalhos e conversa sobre a exploração dos elementos visuais para a expressão dos sonhos.
- * Observação de imagens, reflexão, interpretação e debate (sugestões em baixo).



Figura 1 *O Sonho*. Salvador Dalí, 1931



Figura 2 *Sonho causado pelo voo de uma abelha em torno de uma romã um segundo antes de acordar*. Salvador Dalí, 1944

PROPOSTA DE ATIVIDADE

- * Leitura dos poemas.
- * Analisar a estrutura dos poemas.
- * Identificar os recursos utilizados.
- * Identificar metáforas, simbologias e duplos sentidos.
- * A importância do sonho na poética pessoana.
- * Refletir sobre:
 - O sonho permanecer um tema atual e recorrente.**
 - A realização/concretização do sonho.**
 - O binómio sonho/realidade.**
- * Criar representações visuais inspiradas nos poemas.

Poemas

Pedra Filosofal

Eles não sabem que o sonho é uma constante da vida tão concreta e definida como outra coisa qualquer, como esta pedra cinzenta em que me sento e descanso, como este ribeiro manso em serenos sobressaltos, como estes pinheiros altos que em verde e oiro se agitam, como estas aves que gritam em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho é vinho, é espuma, é fermento, bichinho álaçre e sedento, de focinho pontiagudo, que fossa através de tudo num perpétuo movimento.

O Sonho

Pelo sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos,
Pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
Que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
Com a mesma alegria, ao que
é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?
– Partimos. Vamos. Somos.

1953 (publicado postumamente)
Sebastião da Gama,
poeta e professor (1924-1952)

Eles não sabem que o sonho é tela, é cor, é pincel, base, fuste, capitel, arco em ogiva, vitral, pináculo de catedral, contraponto, sinfonia, máscara grega, magia, que é retorta de alquimista, mapa do mundo distante, rosa-dos-ventos, Infante, caravela quinhentista, que é Cabo da Boa Esperança, ouro, canela, marfim, florete de espadachim, bastidor, passo de dança, Colombina e Arlequim, passarola voadora, pára-raios, locomotiva, barco de proa festiva, alto-forno, geradora, cisão do átomo, radar, ultra-som, televisão, desembarque em foguetão na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.

Movimento Perpétuo, 1956
António Gedeão,
poeta e professor (1906-1997)

Não sei se é Sonho, se Realidade

Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquela terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri
Talvez palmares inexistentes,
Áleas longínquas sem poder ser,
Sombra ou sossego dêem aos crentes
De que essa terra se pode ter
Felizes, nós? Ali, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez,

Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar;
Sob os palmares, à luz da lua,
Sente-se o frio de haver luar
Ah, nesta terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.

Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri.

1933
Fernando Pessoa,
poeta e dramaturgo (1888-1935)

RECURSOS ADICIONAIS

VÍDEOS

Ingmar Bergman Channel. **A Dream Play (1693)**. [vídeo]. Youtube.
https://www.youtube.com/watch?v=4_T_gxUkOwI&ab_channel=IngmarBergmanChannel

MCGMeetup. “**Dream**” by Hoang Nguyen, Giang Hoang | CGMeetup (2021). [vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=xiApTqbLCjc&ab_channel=CGMeetup

RARE FACTS. **I Have a Dream de Martin Luther King (1963)**. [vídeo]. Youtube.
https://www.youtube.com/watch?v=vP4iY1TtS3s&ab_channel=RAREFACTS

Netflix. **The Swimmers | Official Teaser (2022)**. [vídeo]. Youtube.
https://www.youtube.com/watch?v=OY4IMBdwH3A&ab_channel=Netflix

LIVROS

Da Cunha, A. G. (2019). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lexikon Editora.

Descharnes, R., & Neret, G. (1997). *Salvador Dalí, 1904-1989: a obra pintada, 1904-1946*. Taschen.

Gedeão, A., & Nunes, N. (2004). *Obra completa*. Relógio d'Água.

Gama, S. D., & Belo, R. (1971). *Pelo sonho é que vamos*. (No Title).

Porto Editora. *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto. Porto Editora.
Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>.

Pessoa, F., Martins, F. C., & Zenith, R. (2013). *Cancioneiro: uma antologia*. Assírio & Alvim.

Pessoa, F., & Ayala, W. (2014). *Antologia Poética Fernando Pessoa*. Nova Fronteira.

Strindberg, A. (1978). *O Sonho*. Editorial Estampa.

- * Gostaria de conversar com o encenador?
- * Pretende saber mais sobre a peça?
- * Quer trazer uma turma para assistir a um ensaio da peça?
- * Tem interesse em áreas como a cenografia e figurinos; música e sonoplastia; desenho de luz, entre outros?
- * Precisa de informações mais detalhadas sobre a nossa programação?
- * Tem vontade de nos conhecer melhor?

ENTRE EM CONTACTO

Centro Educativo
Teresa Batista / Carla Medina
T 22 339 50 66 / Linha Direta

centroeducativo@tnsj.pt

Edição

Teatro Nacional São João

coordenação

Maria João Pereira

design gráfico

SAL Studio

fotografia

João Tuna

Miguel Angel M. Martínez *Um Sonho*

Herman Anderson *Um Sonho*

(retrato August Strindberg)

Wikiart (obras Salvador Dali)

impressão

Norcópia

Teatro São João

Praça da Batalha

4000-102 Porto

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43

4050-449 Porto

Mosteiro de São Bento da Vitória

Rua de São Bento da Vitória

4050-543 Porto

www.tnsj.pt

geral@tnsj.pt

T +351 22 340 19 00

O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO